

"A Lei é Rígida" - Entrevista com Samir El-Hayek tradutor do Alcorão para o português

Alan Rodrigues e Camilo Vannuchi [camilo@istoe.com.br]

Considerado o bicho papão do fundamentalismo, responsável por guerras sangrentas em nome de Alá e pela milenar submissão da mulher a homens barbudos e autoritários, o Livro Sagrado do Islã é visto por Samir El-Hayek, 58 anos, como um eterno incompreendido. Foi ele quem traduziu pela primeira vez as 114 suratas – ou 6.342 versículos – diretamente do árabe para o português. Antes dele, havia à disposição dos brasileiros uma tradução feita por Bento de Castro a partir de uma edição inglesa. Para concluir seu trabalho, Samir levou dez anos e publicou a primeira edição do catatau apenas em 1974. "Não existe dicionário de árabe no Brasil. É preciso muito cuidado para não utilizar um termo errado", justifica. Nascido no Líbano e estabelecido no Brasil com 11 anos, Samir El-Hayek era um garoto de 20 quando se debruçou pela primeira vez sobre as primeiras páginas traduzidas. Aos 31, viu concluído o primeiro exemplar. Desde então, nas 10 edições subseqüentes, já vendeu 74 mil exemplares do Alcorão. "Venderia 500 mil se houvesse uma política de marketing. Mas não temos intenção de fazer propaganda. Quem quiser se converter à nossa religião que nos procure", afirma.

Enquanto edições do Evangelho são facilmente encontradas em livrarias, paróquias e até em quartos de hotel em toda pequena cidade brasileira, adquirir um exemplar da bíblia islâmica era tarefa árdua até o ano passado. Após o atentado ao centro comercial de Nova York em 11 de setembro, a busca desenfreada por informações sobre a cultura muçulmana tornou o livro indispensável para se compreender a nova geopolítica mundial e, quem diria, até a novela das oito. Muitas livrarias passaram a requisitar caixas e caixas de alfarrábios a Samir, dono da própria editora. Na capa, grafado em letras douradas, o título é curioso: *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado*. As versões do Livro Sagrado em línguas estrangeiras são sempre chamadas de "significado" ou "explicação", nunca de "tradução". Samir explica por que nesta entrevista. Também explica a guerra santa de uma maneira bem diferente da mídia brasileira, repudia os ataques ao World Trade Center,

** Alan Rodrigues e Camilo Vannuchi são repórteres da revista IstoÉ*

critica a postura de Georg W. Bush diante do Talibã e apresenta um panorama da fé que move 1,3 bilhão de praticantes no mundo todo.

Por que as traduções do Alcorão são chamadas de Explicações?

O Alcorão tem que ser em árabe. Ninguém vai conseguir dar a eloqüência, a musicalidade e as rimas do texto original. A versão em português traz o que cada versículo significa, mas não é a mesma coisa que o original. Até porque as palavras em árabe admitem mais do que uma tradução e é possível tirar uma série de significados dos versículos.

Por que isso acontece?

Os termos empregados no Alcorão são rebuscados e muitos dão uma idéia geral sobre as coisas. Alguns versículos são específicos, como o que explica a formação do feto no útero da mãe. Há 1400 anos, ninguém poderia saber como se forma o feto. No entanto, o Alcorão detalha todo o processo, inclusive a duração de cada um dos estágios até o nascimento. Mas outro versículo manda que seja distribuída uma caridade na causa de Deus. O que é a causa de Deus? Dar para o pobre? Dar para o necessitado? Construir uma mesquita? Um asilo? Ou utilizar na guerra? É um exemplo de termo abrangente que admite todos esses entendimentos. O pagamento dos funcionários que arrecadam a caridade também é na causa de Deus. Pagar os sheiks também. O sheik é um funcionário do Estado para o Islã.

O Estado no Islã é indissociável da religião?

A religião é o próprio Estado. Enquanto a Bíblia apenas narra a criação e a história dos profetas, o Alcorão regulamenta todas as atividades. Não existem dois casamentos no Islã, mas um só, que não é nem civil nem religioso. Mesmo o Jihad, que vocês chamam de guerra santa, está definido no Alcorão. É santa para quem defende sua honra, sua propriedade, seu país e sua crença. Só nestas circunstâncias é permitido lutar. Como defesa, nunca como ataque. Se ninguém o ameaçar, não se pode agredir ninguém.

Mas como é possível interpretar o significado de ameaça? Não é também um valor subjetivo?

Nesse caso, o versículo é específico: 'Lutai da mesma forma que lutam contra vós. Expulsai-os de onde vos expulsaram'. Algumas pessoas acham que se pode usar qualquer

meio para lutar. Mas não é assim. A regra para a luta existe e é imutável. Não pode matar criança, não pode matar mulher, não pode matar idoso nem qualquer pessoa que não estiver empunhando arma. Não pode destruir plantação, cortar uma árvore ou matar animal a não ser para o consumo. Existem regras para a guerra. Qualquer situação fora disso é crime contra o Alcorão.

Então um atentado terrorista não pode ser justificado pela lei divina?

Nunca. Mesmo em Israel, onde toda a população israelense empunha armas, de vez em quando morrem crianças e nós condenamos. E lá, a população ocupou terras que não pertenciam a ela. O palestino tem direito de os expulsar. Lá, os judeus ameaçam a propriedade, a honra, o país e as crenças.

E o atentado de 11 de setembro em Nova York?

Aquilo é injustificável. Todos os 56 países muçulmanos condenaram categoricamente o atentado. Não se pode matar inocente.

Mas não pode haver uma segunda interpretação pelo Alcorão?

Não. Contra inocentes não existe segunda interpretação. Está no Livro: 'todo aquele que matar uma pessoa que não tenha cometido assassinato ou corrupção é como se tivesse matado toda a humanidade'.

Mas os EUA apoiam Israel na guerra contra os palestinos há décadas.

Isso é governo, não população. A população americana é extraordinária. Há nos Estados Unidos instituições de defesa da liberdade que não existem em nenhum outro lugar. E a população defende aquilo com afinco. População é diferente de governo. E o governo americano apoia os judeus na Palestina por questões políticas. Não há um único candidato que tenha ganho uma eleição nos Estados Unidos sem o apoio do lobby judaico. Mesmo entre cristãos eles são poderosos. A indústria cinematográfica e a mídia estão nas mãos de judeus. Eu não os condeno por isso: eles estão defendendo seus interesses. Mas não se pode cometer injustiça à vontade só porque se tem dinheiro e poder. E é isso o que os Estados Unidos fazem. Eles costumam colocar o dedo onde não devem, contrariando o que defendem suas próprias instituições e princípios. Foi assim que aconteceu na Argélia. Um partido ganha eleições nas urnas e os Estados Unidos influenciam o exército a dar um

golpe de Estado, derrubar o governo, anular as eleições e colocar o partido na ilegalidade. Por quê? Por que o partido vencedor é islâmico? E o povo não tem o direito de escolher um partido muçulmano? Mesmo na América do Sul, quantos governos totalitários e tirânicos o governo norte-americano já defendeu aqui? Veja o caso do Salvador Allende no Chile. Os Estados Unidos são um país supostamente democrático que derruba governos democráticos no mundo inteiro.

No Alcorão, existe um sistema de governo pré-estabelecido?

É sempre democrático. Existe um versículo que reza: 'Vossos assuntos devem ser resolvidos em consenso'. Isso é democracia. Agora, os códigos legislativo e judiciário são rígidos. Nossos juizes estão instruídos a cortar a mão dos ladrões. É a regra. Mas um cidadão que roube para comer não terá as mãos cortadas. Para Omar, o segundo califa, deve-se cortar a mão do governante que obriga o indivíduo a roubar para matar a fome.

Mas cortar a mão não é rígido demais?

A lei é rígida. Mas para quem? Para o ladrão, para quem comete erro. Não contra quem é honesto. Para este, é uma lei muito boa, que protege a vida e o patrimônio.

Mas as regras criadas por califas, como Omar, também são seguidas? Mesmo que sejam posteriores ao Alcorão?

Nossa lei não está apenas no Alcorão. A lei islâmica existe no Alcorão e na Sunna, que também foi estabelecida por Mohammad (Maomé) e seus quatro sucessores, os califas. Ela tem poder de lei, junto com o Alcorão. Ela veio complementar e regularizar preceitos mal definidos do Alcorão. O Livro impõe a prática da oração. Mas não explica como e quando ela deve ser feita. As regras aparecem na Sunna, palavra que significa caminho em árabe.

E qual o significado da palavra Alcorão?

Recitação. Foi escrito para ser lido em voz alta. O Alcorão é recitado em todos os países muçulmanos e existem CDs com trechos do Livro Sagrado. Tenho uma caixa da Arábia Saudita com a íntegra do Alcorão gravada em 60 CDs. Durante o mês de Ramadan, vêm ao Brasil uns 20 recitadores egípcios. Cada um vai para uma mesquita e passa o mês inteiro recitando o Alcorão. No total, deve dar umas 60 horas.

O certo é Alcorão ou Corão?

Al é o artigo e Corão é o substantivo. Portanto, dizer "o Alcorão" é tecnicamente um equívoco. Mas todas as palavras árabes vieram para o português com o artigo. Dizemos o alfaiate, a algibeira, a almofada, a alfândega. Então, por que não dizer o Alcorão? Há mais de vinte anos, foi realizado em Londres um congresso com todas as minorias muçulmanas, ou seja, com representantes das comunidades islâmicas de todos os países não islâmicos. Em pauta, estava a terminologia que deveria ser adotada em cada língua. Eu fui representar os países de língua portuguesa. Lá, optou-se pelo termo Alcorão, já que Corão poderia ser entendido como um pedaço grande de couro. Da mesma forma, ficou decidido o emprego da palavra Deus ao invés de Alá. No Brasil, a população poderia pensar que Alá é um deus particular dos muçulmanos quando, na verdade, é o mesmo Deus dos católicos. Nos países árabes, a palavra Alá também é empregada por judeus e cristãos. Na época do congresso, usávamos Meca, Islã e Maomé. Hoje, usamos Makka, Islam e Mohammad.

E como foram feitos o Alcorão e a Sunna?

Os escribas do profeta Mohammad, ou Maomé, corriam para registrar as revelações que lhe eram feitas por Alá. Para isso, usavam qualquer objeto que estivesse à disposição, fosse madeira, pergaminho ou couro. A mulher de Mohammad guardou todos estes registros. O terceiro califa, Otman Ibn Affan, recolheu os fragmentos e mandou editar o Livro Sagrado em um único volume para distribuir a todos os muçulmanos do mundo. Isso 15 anos após a morte de Mohammad. A Sunna foi concluída no quarto califado, pouco depois. Apesar de o profeta ter morrido cerca de 30 anos antes, seus companheiros ainda eram vivos e puderam servir de consultores. Desde então, em 1400 anos, não se acrescentou nada ao código islâmico.

Isso dá margem para que os críticos considerem as regras do Islã ultrapassadas.

Isso acontece porque os críticos praticam outro modelo de lei. Provavelmente o código romano, usado no Ocidente, ainda mais antigo. Eles acham que a lei romana é boa. Nós preferimos a nossa, que é o mesmo código judaico presente no Antigo Testamento. Só que nós mantivemos a lei conforme foi revelada, enquanto a Igreja Católica a alterou. Antigamente, os católicos começavam a jejuar 40 dias antes da Páscoa. O papa decretou

que isso não é mais necessário. Se Deus estipulou 40 dias, quem deu poder ao homem para mudar?

As regras do casamento também se mantêm?

Sim. Para nós sempre existiu o divórcio, por exemplo, enquanto vocês estão se acostumando com ele agora. O judaísmo também admite o divórcio. Mas a Igreja Católica resolveu instituir que o casamento é insolúvel. Como pode ser insolúvel se a incompatibilidade de gênios e uma série de percalços podem atrapalhar o casamento? Todo mundo tem direito de começar uma vida nova. As regras para o casamento também estão no Alcorão. Pode-se casar com uma, duas, três ou quatro mulheres. No máximo com quatro ao mesmo tempo. No entanto, existem condições tão rígidas que, se tivesse consciência, nenhum homem casaria com mais de uma. Quem casa com várias não cumpre à risca a lei do Alcorão. Lá está escrito que o homem deve, em primeiro lugar, ser justo com todas as mulheres e, em segundo lugar, ter a anuência da primeira. Mas qual a mulher que permite? Os homens com mais de uma mulher ignoram essa lei e casam sem autorização dela. Isso é machismo, e todo machismo é condenável. Pelo Alcorão, se o muçulmano se casa com uma cristã, ela não é obrigada sequer a se converter. Ela tem direito de seguir sua própria religião.

Mas não é o pai que escolhe o marido da filha?

Não. Esta é uma prática adotada por alguns países muçulmanos. Mas não é uma regra determinada pelo Islã. O pai é proibido de obrigar a filha a se casar com quem ele quiser. Ele pode opinar, aconselhar, nunca obrigar.

Nem subjetivamente, com retaliações ou chantagem emocional?

De forma alguma. É ela quem escolhe o marido. Mas cada cultura perpetua uma prática diferente, mesmo que não haja qualquer menção a isso no ensinamento islâmico. Em algum momento, todas as civilizações adotaram a prática de escolher o marido das filhas, em todos os lugares. Os cristãos e os judeus fizeram isso durante séculos, mas nada sobre esse assunto consta na Bíblia. É natural que o pai considere a filha imatura demais para escolher o melhor marido. Por isso, alguns países islâmicos ainda seguem esse costume, mas não é lei. Existe muita confusão entre religião e cultura. As roupas usadas no Afeganistão, por exemplo, não são encontradas em nenhum outro país árabe. Aquilo é

cultura. Não existem regras no Alcorão em relação à vestimenta. Só é exigido que haja pudor, que o indivíduo se cubra.

Até o pescoço?

Sem dúvida, tanto o homem quanto a mulher. O homem não pode andar sem camisa.

Mas por quê?

Por motivos morais. Para não chamar atenção.

Decote é inaceitável?

Decote é uma coisa comercial. A indústria cria modismos e induz a mulher a ficar nua. É tudo modismo. Tira, joga fora, tira, joga fora, e as modas se sucedem. A revolução industrial fez o quê? Levou a mulher para dentro da fábrica para que ela e o marido ganhassem juntos menos do que o marido ganhava sozinho antes. Os ingleses precisavam de mão de obra e induziram a mulher a ir para a fábrica, aceitando um salário muito pequeno. Podendo pagar menos para as mulheres, o salário dos homens também foi reduzido e, hoje, o salário do casal não é suficiente para sustentar a família.

Mas no Islã também não é assim?

Não. No Estado Islã o homem é obrigado a sustentar a mulher. Ela só vai trabalhar se houver necessidade ou vontade. Não é proibida de trabalhar nem de estudar como se diz por aí. Aliás estudar é uma obrigação.

Mas no Islã o homem ganha o suficiente para sustentar a família?

Lógico. E quando não ganha, recebe do governo parte do *zacam*, o tributo que todo muçulmano é obrigado a dar na caridade de Deus. Existem oito categorias de pessoas a quem ele pode ser distribuído. Uma das categorias é o necessitado. E quem é o necessitado para nós? É aquele que, mesmo trabalhando, não recebe o suficiente para sustentar sua família. Se não tiver como pagar moradia, transporte e toda a comodidade que um chefe de família deve ter, o Estado deve doar parte do *zacam* ao cidadão. Isso é lei. Não estou dizendo que é cumprida em todo lugar, mas deveria.

E como fica o muçulmano que vive em um Estado não islâmico?

Deve-se cumprir as leis do país em que se vive. No Estado islâmico, existe a liberdade de qualquer comunidade, judaica ou cristã, se reger com suas próprias leis. Isso é aplicado até hoje. Basta que seja paga uma taxa anual de 1,5% dos rendimentos para que o indivíduo fique livre de uma série de tributos e obrigações, como servir o exército.

Que avanços o Islã representa em relação ao cristianismo?

O Islã é muito prático. Não temos mistérios. Para ser muçulmano, o fiel tem simplesmente que cumprir a lei de Deus. E essa lei permite quase tudo. A doação de órgãos, por exemplo, é praticada há 1400 anos pelos muçulmanos e só agora começa a ser aceita pela Igreja católica. A clonagem também é aceita, desde que seja para salvar vidas, e não para incentivar o comércio de órgãos. O Islã deixa de permitir muito pouca coisa. Ela proíbe a agressão, a injustiça e a desunião. São as três únicas coisas proibidas no Islã.

Mas o Islã ainda é considerado fundamentalista.

Esse termo nasceu para designar um movimento das Igrejas protestantes norte-americanas que, no início do século XX, condenavam as atitudes de vanguarda e tentavam recuperar os fundamentos da religião. Só mais tarde a palavra passou a designar o muçulmano, que é fundamentalista por essência. Ele tem que cumprir os cinco fundamentos do Islã: a crença em Deus, a prática da oração, o pagamento do tributo, o jejum no mês de Ramadan e a peregrinação a Meca. Ele não pode fugir desses fundamentos. Mas não é fundamentalista por ser retrógrado. O Islã sempre foi a favor da modernidade e da ciência. As maiores descobertas foram dadas ao mundo pelos muçulmanos. Matemática, astronomia, física, química, todas as ciências. Não há conflito entre o Alcorão e a ciência, como acontece com a Bíblia. O Testamento diz que Esaú fez o sol parar, o que é um erro astronômico. No Alcorão, a origem do mundo é explicada como uma explosão, igual à teoria do Big-bang.

Como pode ser de vanguarda uma religião que proíbe os homens de andar sem camisa.

E por que você acha que andar sem camisa é bom?

Uma criança muçulmana em um Estado não islâmico sente-se tolhida ao conviver com amigos que jogam futebol sem camisa ou vestem biquíni para tomar sol.

E por que tomar sol é bom? Isso tudo é indústria. É seguir o que os outros o induzem a fazer. No Islã não tem isso. Ninguém induz ninguém a nada. Nem a cumprir o que está no Alcorão. O profeta dizia: 'tudo o que a lei ensinar, analise. Se não coaduna com sua forma de pensar, não acate'. Incentivamos apenas que seja feito o melhor para todos. Partimos do princípio de que o melhor para a coletividade é o melhor para o indivíduo.

Pode-se dizer, então, que o Alcorão é um confronto direto com a sociedade capitalista?

Sem dúvida. O Islã está muito mais próximo do socialismo do que do capitalismo. Somos proibidos de pagar ou receber juros, por exemplo, a pior coisa que pode existir para a economia mundial. O juro é o vampiro que suga o sangue de toda a sociedade sem produzir nada. A lei islâmica diz que é preciso produzir o máximo, consumir o necessário e distribuir o excesso.

Não o preocupa que os muçulmanos sejam vítimas de violência e preconceito nos Estados Unidos e em países ocidentais?

Fazer publicidade contra os muçulmanos para eliminar os valores deles também é uma estratégia comercial. O Ocidente quer introduzir suas mercadorias, suas roupas, suas lanchonetes e seu cinema na região muçulmana. Mas os Estados Unidos não podem se indispor com o mercado muçulmano, formado por 1 bilhão e 300 milhões de pessoas. Se pudessem, jogariam uma bomba atômica no Oriente Médio e acabariam de vez com os conflitos na Palestina. Isso estaria de acordo com sua filosofia. Quem cometeu os maiores genocídios da humanidade? Vamos fazer uma análise: Quem matou os índios? Foi europeu. Quem escravizou os negros? Europeu. Quem cometeu genocídio contra os árabes e até contra os judeus? Europeu. Quem são os maiores guerreiros de toda a história da humanidade? Os europeus. Foram eles, junto com os americanos, os responsáveis pelas maiores guerras e injustiças da História. Mas quem controla a mídia e a opinião pública mundial. Os europeus e americanos são sempre apresentados como bonzinhos enquanto os adversários são satanizados. O estranho é que todas as situações de sofrimento no mundo foram criadas por eles. Quem criou os conflitos entre Paquistão e

Índia foram eles. Os conflitos na Palestina, no Afeganistão, em todo lugar. Nenhum povo tem meios de se armar por conta própria. Quem fabrica armas? Hoje, os americanos estão com medo do antraz. Mas quem criou o antraz? Foram os americanos! Há uma tendência a se achar que os maiores conflitos existem onde há sentimento religioso intenso. É o contrário. Existe onde o sentimento religioso é menor.

Há falta de sentimento religioso em milícias como a Al Qaeda?

Al Qaeda era considerada uma milícia heróica quando lutava para expulsar os soviéticos de seu território. Até para os Estados Unidos eles eram heróis. Quando os soviéticos foram expulsos, os Estados Unidos abandonaram o país à própria sorte. Não era interesse deles ajudar na reconstrução do antigo aliado. Hoje, o mesmo grupo passou a ser chamado de terrorista. Só porque não defende mais o interesse norte-americanos. Ora, todos que são contra nós são nossos inimigos? Isso é tão arrogante... E o mundo assiste a tudo calado. Confia e se solidariza com um julgamento parcial feito pelas próprias vítimas do atentado de 11 de setembro. O Estados Unidos não podem julgar, condenar e executar o inimigo. Nenhum tribunal aceitaria um processo conduzido dessa forma. Precisa haver um terceiro país como júri.

Mas qual país seria neutro o bastante para julgar?

Temos a Bélgica, o Brasil. O Brasil é uma lição para o mundo, porque aqui convivem todas as raças, credos e pensamentos. Até árabes e judeus. Lá eles estão se matando e aqui nunca houve um caso de agressão.

O que existe no Alcorão sobre o suicídio?

Não tem perdão. O suicida vai para o inferno direto.

Não pode haver kamikases?

Em defesa da sua honra, sua pátria e sua propriedade, é permitido fazer qualquer coisa. Mas não se pode dar um tiro na cabeça a troco de nada e nem cometer suicídio para matar inocentes, como aconteceu em Nova York. Aqueles indivíduos não têm perdão, em absoluto.

E quanto ao homossexualismo?

O Alcorão proíbe o homossexualismo, como a Bíblia. A função do homem é perpetuar a espécie.

Então o heterossexual que não tem filho também é condenável?

O Alcorão e a Bíblia apresentam a relação sexual com finalidade de prole. Se você mantém relação sexual sabendo que não vai ter prole, também é condenável.

Assim como os métodos anticoncepcionais?

Os métodos artificiais são proibidos. Na época do profeta já era usado o método de interromper o coito. Alguns sábios acham que, se aquilo era permitido, também se pode tomar a pílula. Outros, acham que só a camisinha é permitida, porque também é uma forma de interrupção do coito, e proíbem a pílula por causa dos efeitos nocivos que os hormônios artificiais causam na mulher.

Então o motivo não é a proibição do sexo sem intenção de procriar...

Nós somos seres humanos, não somos animais. Nós sentimos prazer. E o Alcorão não proíbe que desfrutemos do prazer.

Mas isso entra em choque com a condenação do homossexualismo.

Nenhum cientista ou médico mostrou até hoje que o coito anal dá prazer ao indivíduo. Não existem áreas erógenas naquela região.

Mas há prazer no beijo, no carinho...

Nós muçulmanos nos beijamos. Beijamos nossos amigos e irmãos.

Na boca?

Não! Nem a própria mulher a gente costuma beijar na boca. Beijamos no rosto, na testa. É a nossa cultura. O beijo na boca é invenção do cinema hollywoodiano, que continua ganhando muito dinheiro com isso.

E o sexo antes do casamento?

O costume é que a mulher se case virgem. Mas tem gente que não se importa com isso. Se a virgindade fosse uma coisa essencial, mulher divorciada não poderia se casar. Quem

se importa com isso é o machista, seja ele muçulmano ou não. Machista existe em todas as camadas sociais, civilizações e sociedades. Até aqui, no Brasil, a mulher vira para conversar com um cara e o namorado puxa o revólver. Isso é ignorância.

E por que homem e mulher não podem dar as mãos no cumprimento?

Antes da oração, precisamos estar limpos. Fazemos a chamada ablução, que consiste em lavar as mãos, os pés e o rosto para nos purificarmos. Fazemos cinco orações por dia e não é preciso repetir a ablução enquanto o fiel não urinar, defecar, soltar gases ou ter relações sexuais. Se nada disso acontecer entre uma oração e outra, o efeito da ablução se mantém. Mas, se o homem der a mão para a mulher e sentir qualquer tipo de desejo, o efeito da ablução é quebrado. Então, muita mulher evita cumprimentar o homem e vice-versa com medo das segundas intenções.

O que você está achando da novela O Clone?

A Globo sempre explorou a nudez da mulher e exagera nos temas polêmicos. Mas há muitos temas que nós impedimos que eles tratassem. A incisão feminina é um exemplo. Eles queriam citar na novela como se fosse prática religiosa islâmica. Mas não é. Era praticada por muçulmanos, cristãos e adeptos de qualquer religião na África porque as mulheres andavam peladas. O clitóris era cortado para que a vagina fechasse melhor e não entrasse sujeira. Esse procedimento ainda hoje é adotado em alguns países. Mas é um traço cultural, não tem nada a ver com religião. A Glória Perez (autora de *O Clone*) queria colocar como se fosse prática islâmica. Formamos uma equipe para assessorar a produção e eu sugeri que ela procurasse no Alcorão qualquer referência a esse tema. Ela leu e não encontrou nada. Não se convenceu e foi viver com uma família no Egito e depois fez o mesmo no Marrocos, dois países onde a incisão é praticada. Lá, ela testemunhou uma mãe dizendo para a filha que fazer incisão era bobagem, que não era necessário. Mas, para a filha, ter o clitóris era constrangedor, já que todas as amigas haviam cortado.

A conduta islâmica é ensinada para crianças?

Justificamos a conduta por meio dos versículos. Temos uma espécie de catequese, mas os pais são responsáveis por ensinar os próprios filhos. Não obrigamos as crianças a recitar o Alcorão, mas ensinamos os pilares do Islã, as práticas da ablução e da oração. Também



as acostumamos ao jejum. Toda criança é obrigada a jejuar a partir dos doze anos. Diferentemente do cristianismo, não temos edições especiais do Alcorão com linguagem simplificada e desenhos coloridos. Inclusive, o muçulmano só pode fazer desenhos abstratos. Acreditamos que só Deus pode criar. Ao reproduzir objetos da natureza, estaríamos tentando imitar Deus, o que seria um sacrilégio. A arte islâmica é restrita aos arabescos e aos mosaicos.